

O insólito em “O Basilisco”, de Mário de Carvalho**The uncanny in Mário de Carvalho’s “The Basilisk”****Luciana Moraes da Silva***

RESUMO: O presente artigo propõe-se a analisar sob uma perspectiva crítico-interpretativa a narrativa “O Basilisco”, de Mário de Carvalho, buscando demonstrar de que forma a narrativa se estrutura a partir de um evento insólito, o qual influencia toda a construção narrativa, com tentativas de explicações empíricas que se perdem no decorrer do texto, ainda que constantemente reiteradas. Há também uma discussão acerca das ressignificações presentes nesta narrativa contemporânea, que relê, principalmente, traços de narrativas do gênero Maravilhoso. Estabelecem-se ainda, discussões acerca da questão dos gêneros, indicando o insólito como uma marca, uma categoria peculiar aos gêneros marcados pela presença de eventos insólitos não-ocasionais, a saber: Maravilhoso, Fantástico, Realismo Maravilhoso entre outros.

Palavras-chave: Insólito; Estudos da Narrativa; Gênero Literário

ABSTRACT: This article proposes to examine in a critical-interpretive approach the narrative "The Basilisk", by Mario de Carvalho, seeking to demonstrate how the narrative structures itself from an unusual event, which influences the whole narrative construction with attempts of empirical explanations that are lost during the text, though constantly repeated. There is also a discussion of contemporary reinterpretation present in this narrative, which relays mainly traces of narratives of Wonderful genre. Discussions on the question of gender are also established, indicating the uncanny as a brand, a unique category to the genres marked by the presence of unusual non-casual events, namely: Wonderful, Fantastic, Wonderful Realism among others.

Key-Words: Uncanny; Study of Narrative; Literary Genre

* Mestranda em Letras- UERJ

Esse animal era chamado o rei das serpentes, tendo na cabeça, para confirmar essa realeza, uma crista em forma de coroa. (BULFINCH, 2006, p. 297)

A areia se envenenava debaixo da noite. Não se precisava ser mordido. Bastava um algum pisar no pátio. De manhã, ninguém podia entrar ou sair. (COUTO, 2001, p. 159)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata o insólito enquanto uma categoria constituinte de gênero que, englobando eventos extraordinários, que fogem ao lógico, ao esperado, ao comum, é elemento propulsor de diversos gêneros da tradição, a saber, Maravilhoso, Fantástico e Realismo-Maravilhoso, assim como de um possível novo gênero: Insólito Banalizado. Discutir-se-á aqui de que forma o macro-gênero do insólito está evidenciado no conto “O Basilisco”, de Mário de Carvalho (CARVALHO, 1985, p. 25-32).

O conceito de gênero a que se recorreu neste estudo advém do grego, significando grupo ou conjunto que reúne elementos com semelhanças entre si; e categoria indica traço ou marca que, também, reúne espécimes. Entendendo-se que existam narrativas ficcionais que tenham como marca singular a presença de eventos insólitos, e que esses eventos constituam uma categoria distintiva tanto entre essas mesmas narrativas quanto entre elas e outras externas ao conjunto, pode-se afirmar a existência de um macro-gênero do insólito, com manifestações próprias dessa categoria em cada um de seus gêneros componentes.

Conforme observa Carlos Reis, “a existência e consagração de novos gêneros pode fundar-se num processo de harmonização discursiva e ontológico-ficcional (...) de reinvenção pós-moderna, mas com antecedentes ilustres” (REIS, 2001, p. 293), uma vez que, como ele mesmo destacara antes, verificam-se “tentativas pós-modernistas de refazer, recuperar ou conjugar gêneros e subgêneros narrativos desaparecidos ou pouco reputados do ponto de vista cultural.” (REIS, 2001, p. 289)

Ainda de acordo com Carlos Reis, os gêneros têm de ser entendidos em estreita conexão com os contextos epocais em que emergem (Cf. REIS, 2001), conforme se pode notar no macro-gênero do insólito, que apreende a ampla dimensão de uma sociedade em evolução como a sociedade atual, denominada pós-moderna ou de modernidade tardia.

Com base em Massaud M6ises (1974), depreende-se g6nero, etimologicamente, como fam6lia, raça, em que ao colecionarem-se características obtêm-se fatalmente semelhanças, sugerindo um parentesco “natural”, uma comunidade por ele nomeada de “g6nero”. Segundo esse mesmo autor, as obras apresentam semelhanças naturais e espontâneas, sendo, portanto, o g6nero transcendente e imanente, como se percebe no macro-g6nero do insólito, em que se tem a categoria do insólito: característica basilar entre os g6neros formados e distinguidos pelo insólito.

O termo insólito abarca aquilo que está para além da ordem, do natural. Dessa forma, nota-se, conforme Flavio García (2007), que os eventos insólitos são os infreqüentes, pouco comuns de acontecer, raros, inusuais, anormais, os que contrariam o uso, os costumes, as regras e as tradições, enfim, os que surpreendem ou decepcionam o senso comum vigente, às expectativas quotidianas de uma dada cultura, em um dado momento e em dada e específica experienciación da realidade. (Cf. GARCÍA, 2007, p. 19)

Partindo das assertivas acima, pretende-se discorrer acerca das estratégias de construção narrativa de determinados g6neros literários, considerando o insólito como uma categoria essencial que os distingue.

SOBRE OS GÊNEROS

O g6nero Maravilhoso define-se pela presença de elementos insólitos inseridos no quotidiano das personagens com, até mesmo, certa expectativa relacionada ao seu aparecimento, já que os acontecimentos extraordinários não são estranhados, mas, ao contrário da expectativa do leitor empírico, são bem assimilados como um quotidiano comum às personagens.

Irlemar Chiampi afirma que “de um lado, o maravilhoso aparece como produto da percepção deformadora do sujeito, de outro aparece como um componente da realidade” (CHIAMPI, 1980, p. 34), demonstrando, assim, como o mundo alucinado presente nas narrativas do maravilhoso tende a não buscar explicações para os eventos tidos como lógicos pelas personagens.

O Fantástico se compõe pelo aparecimento do insólito, acarretando uma constante incerteza das personagens e do leitor, que hesitam em sua decisão entre o real, explicado por leis naturais, e o imaginário, ou componente aparentemente sobrenatural. De acordo com

Felipe Furtado (1980), a narrativa fantástica propiciará, por meio do discurso, a instalação e permanência de uma ambigüidade que nutre o gênero, em que nunca se evidencia uma decisão plena entre o que é resultado das leis da natureza e o que surge em contradição frontal a elas. (Cf. FURTADO, 1980, p. 132). As narrativas pertencentes a este gênero são permeadas por esta constante dubiedade: entre uma explicação fundamentada na lógica ou uma baseada em abstrações da realidade, produtos da imaginação.

No Realismo-Maravilhoso, tem-se uma convivência entre o mundo empírico e o meta-empírico, em que o mundo ficcional é sentido como vivenciável e experienciado. Contudo, as constantes intervenções sobrenaturais fazem advir uma crença em um plano paralelo ao da realidade ôntica, ou seja, uma coexistência “natural” entre o mundo tido como lógico pelo senso-comum e as irrupções insólitas paralelas.

O QUE É O INSÓLITO BANALIZADO?

O possível novo gênero, Insólito Banalizado, é caracterizado por eventos insólitos, propulsores da narrativa, que, após serem denunciados no nível narrativo, acabam por fazer parte do cotidiano das personagens. Estas, em geral, assimilam a ocorrência insólita, com até mesmo certa apatia frente os inconvenientes, demonstrando desprezo diante dos eventos, ou um aproveitamento deles, tornando-os úteis para outros fins.

Segundo Flávio Garcia (2006), nas narrativas do Insólito Banalizado, a presença do insólito, da mesma maneira que ocorre no Fantástico e no Realismo Maravilhoso, também é percebida pelo leitor real enquanto um reflexo de uma denúncia no nível narrativo. Assim como se dá no Fantástico, os acontecimentos insólitos são questionados, porém, diferentemente, não são postos à prova, diante de explicações racionais. Ainda da mesma forma que ocorre no Realismo Maravilhoso, os eventos insólitos são incorporados ao cotidiano pelas personagens, contudo, diferentemente não são naturalizados, e sim banalizados, tornados triviais, esfacelados, borrados ou mesmo apagados, eliminando-se, portanto, possíveis oposições distintivas. (Cf. GARCIA, 2006).

ESTRANHOS ACONTECIMENTOS EM LISBOA

É importante notar que a narrativa “O Basilisco” apresenta logo no início uma marca própria do Maravilhoso, a indeterminação do tempo, a qual remete a um tempo mítico, revelado pela expressão “No mês de fevereiro do ano de tantos”. Com base em Umberto Eco (1994), depreende-se esse mês do ano de tantos como a forma introdutória “era uma vez”, do conto de fadas, que para ele é o sinal interno ao texto de ficcionalidade mais óbvio. (Cf. ECO, 1994, p. 126), pois este é um mês de fevereiro de qualquer época ou ocasião, localizado em um tempo longínquo, contudo, aproximado da realidade do leitor empírico por situar a ocorrência insólita em um mês comum.

Na narrativa, há uma clara denúncia do evento insólito, já que se narra “uma estranha maldição” (CARVALHO, 1985, p. 25) que se abateu sobre a população lisboeta. Denuncia-se ainda a forma como se deu tal infortúnio, quebranto ou lassidão (Cf. CARVALHO, 1985, p. 25), sendo percebido pelo leitor real como evento insólito, resultado de uma denúncia no nível narrativo. Tal evento insólito, a anormal maldição, é elucidado no decorrer do texto com base em uma explicação mítica ou mística, quando um jovem astrônomo, aparentemente deslocado de suas funções sociais, percebe-se como o pré-destinado, ainda que apoiado por um companheiro, a demandar contra o mal ou a besta que trouxera as mazelas a Lisboa.

É evidente uma tentativa de explicação para o mal que se abatera sobre Lisboa. Tal expectativa em elucidar os problemas gerados pela “normalidade que havia sido alterada” (CARVALHO, 1985, p. 25) mostra-se sem efeito, visto que o cansaço, a fraqueza e a falência da vontade tornaram-se uma constante em meio ao povo. Há na narrativa, também, uma descrição do cheiro fétido que assolava Lisboa, o qual “impregnava todos os recantos” (CARVALHO, 1985, p. 25), elemento da mesma forma insólito, pois incomodava a população até em suas casas, indicando uma causa desconhecida, mas que, provavelmente, compactuava com a prostração e o estado de letargia que se abatera sobre as pessoas.

Em “O Basilisco”, existe uma localização da maldição com dados sobre o nome das cidades envolvidas no mal que assolava Lisboa, uma vez que em algumas localidades as pessoas se encontravam sem forças, e, em outras, elas tinham um comportamento quase normal. Isso fica mais claro quando o jovem astrônomo demonstra saber do que se trata e relata ao astrônomo mais velho que esse é um caso estranho à medicina, fazendo ainda um

mapeamento das regiões afligidas para descobrir o foco do problema, que ele temia revelar ao companheiro, afirmando

— Isto não é um caso médico, acredita. É mesmo um fenômeno, em absoluto, estranho a medicina.

— Radiações? — perguntou o colega curioso.

— Nada! Se eu te contasse agora não acreditavas. Peço é que te disponhas a vir comigo sem fazer muitas perguntas. De acordo?

Ao fim de exaustivas negociações, o jovem cientista arrastou o amigo que, resmungando, tomou lugar no automóvel, a caminho de Cascais. (CARVALHO, 1985, p. 27)

Neste trecho observa-se que a personagem mais jovem convence seu amigo a segui-lo no embate contra o chamado “rei das serpentes” (BULFINCH, 2006, p. 297), indicando a necessidade de se combater esse “monstro moderno” (BULFINCH, 2006, p. 295).

O recurso de autoridade, próprio do Fantástico, é utilizado na narrativa e reiterado em diversos momentos, quando se busca a explanação médica para solucionar o estado de lassidão do povo. Todavia, o médico-chefe afirma ser uma epidemia, um vírus, os vetores do mal-estar geral, o que fica evidente nos argumentos que ele apresenta:

— Olhe, doutor — respondeu o médico — tenha paciência, isto é altura para decisões e não para pesquisas. Quando nasce uma super-nova, ou há qualquer crise nos cosmos, os médicos não vão espreitar pelos vossos aparelhómetros, pois não? Deixem-nos lá resolver as nossas epidemias com os meios que temos. Cada mocho a seu souto. (CARVALHO, 1985, p. 27 -28)

Indica-se assim, a nível narrativo, que cada ciência deve pesquisar em sua área, sendo, portanto, os astrônomos dois intrometidos nos assuntos médicos. E ainda que o médico, uma “autoridade” no tratamento das doenças humanas nada faria para ajudar, visto que seu ceticismo não o deixou compreender o que os cientistas declaravam. Na narrativa, também, se usa esse recurso quando o jovem astrônomo revela o livro que leu e nomes de pesquisadores, explicando seu prévio conhecimento em relação ao basilisco e suas idiossincrasias.

Sendo assim, demonstra-se na narrativa que os argumentos para a pesquisa levantados pelo astrônomo foram rechaçados pela autoridade médica, além de destorcidos, pois para as ciências o mal-estar certamente não poderia ser solucionado por um astrônomo, mas sim por um médico experiente. O jovem, após notar que não teria o apoio necessário, decidiu seguir seu caminho e lutar contra o ser que estava causando todo o mal à Lisboa, o que só é revelado, tanto no nível narrativo quanto para o leitor empírico, extra-textual, no momento em que ambos chegam à área do Vale João Escuro e o astrônomo mais jovem avisa da

proximidade do basilisco ser claramente estranho ao outro astrônomo mais velho, já que este desenha um ponto de interrogação no bloco pelo qual se comunicavam e sai contrariado do carro.

Carvalho, em “O Basilisco”, constrói personagens próximas aos cavaleiros medievais, pois, ainda que contrariados por todos ou sem conhecerem verdadeiramente o mal que enfrentariam, dois homens saem de sua vida cotidiana para confrontarem-se com uma força desconhecida, um, o mais jovem consciente mesmo que inexperiente, do poder da serpente, basilisco, o outro, mais velho, crendo apenas na palavra do companheiro. Observa-se, portanto, a exaltação das personagens que passam de homens comuns a cavaleiros, até mesmo com armaduras ou “indumentária especial” (CARVALHO, 1985, p. 31), já que precisaram de vestimentas especiais para seu embate.

A honra e a defesa do povo de Lisboa tornam-nos gloriosos por seu feito valoroso, com até mesmo a referência à fé cristã compartilhada com os cavaleiros, visto que apenas um homem sem pecados poderia enfrentar a serpente mitológica, o basilisco. Entretanto, os dois cavaleiros, sendo o mais jovem o “esgrimista” que desferiu os golpes contra a serpente, com uma “arma” que se assemelhava a uma espada, não tiveram seu triunfo reconhecido, uma vez que o cheiro fétido se dissipou com a queda do ser ao chão e as pessoas melhoraram de sua letargia. Porém, quando os dois astrônomos retornaram com reforços, o ser havia desaparecido sem explicações, não se sabendo se é possível matar um basilisco ou se um dia ele voltará.

A ADEQUAÇÃO DA NARRATIVA AO POSSÍVEL GÊNERO DO INSÓLITO BANALIZADO: AFASTAMENTO E APROXIMAÇÕES

A narrativa aproxima-se do Realismo Maravilhoso por tratar de um lugar comum, caracterizando-o com nomes de localidades e fronteiras, além de relatar sobre uma maldição, a princípio, descrita como epidemia, causada por um ser mítico. Há, portanto, na narrativa uma aparente convivência entre duas realidades, já que o basilisco, causador das mazelas, é identificado pelos astrônomos e quando confrontado volta para o lugar de onde saiu, um provável mundo paralelo ao real, onde habitam seres mágicos, contudo, não comprovado ou evidenciado na narrativa.

Ao final do conto, tem-se um retorno à normalidade do cotidiano, entretanto, sem uma explicação definitiva, se evidenciado que a solução dera-se por meio da bravura de dois homens, fato conhecido apenas pelo leitor real, empírico e pelas duas personagens que enfrentaram o basilisco, afastando-se, portanto, do Maravilhoso e do Realismo Maravilhoso, já que, de certa forma, os dois seriam taxados de mentirosos pela população que desconhece o seu feito, além de não haver uma naturalização do evento insólito, a aparição do basilisco, e sim sua banalização.

O conto de Mário de Carvalho inscreve-se no Insólito Banalizado, pois o aparecimento do ser oferece uma problemática à vida cotidiana das pessoas, tendo uma quebra da normalidade, denunciada na narrativa, porém tal evento insólito não apresenta como causas provas empíricas ou naturais, há na narrativa apenas a menção a tais explicações, logo rechaçadas, distanciando-se do Fantástico, visto que não existe questionamento nem hesitação.

Na narrativa, tem-se um esfacelamento ou apagamento do evento insólito, visto que o jovem astrônomo, um dia antes do aparecimento da serpente, teria lido um livro a respeito, o qual lhe dera condições de enfrentar a criatura. Não é convencional a leitura de livros, em perfeita harmonia com a realidade, para a solução de problemas referentes à chegada de um ser mitológico. Afinal, é incomum a presença de serpentes gigantes em meio ao povo e com diversos efeitos para a sociedade, causando uma “maldição”, como descrito no início do conto. Há também um desprezo pelo evento insólito por parte dos astrônomos, porque a descoberta da serpente só seria boa se a carcaça pudesse ser aproveitada para estudos futuros do ser insólito.

Dessa forma, observa-se uma banalização do evento insólito por parte das duas personagens que realmente conheciam o evento e também por parte da população de Lisboa, que discutiu por algum tempo as causas da “maldição”, retomando, entretanto, à sua “normalidade pacata” (CARVALHO, 1985, p. 32), voltando à vida cotidiana.

Os dois astrônomos terminam a narrativa, retomando seu ofício, sem dizer nada a ninguém, pois “nada havia a dizer” (CARVALHO, 1985, p. 32), visto que eles não poderiam nem mostrar ou estudar a serpente como desejavam. Não há, na narrativa, em nenhum momento, um espanto por parte do astrônomo mais jovem por ver um basilisco, apenas uma banalização, uma vez que ao ver o estado do povo, desde o início, ele aparenta conhecer o

foco do mal-estar geral, mas, ao invés de chamar o exército e desesperar-se, mantém-se calmo e opta por lutar e salvar o povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, portanto, que “O Basilisco” apresenta diversas ocorrências insólitas decorrentes do aparecimento de uma serpente mitológica, evento propulsor da narrativa, que a aproxima dos gêneros que apresentam o insólito como marca distintiva. Tal acontecimento insólito é incorporado ao cotidiano das personagens como um evento comum, todavia, é banalizado, tornado corriqueiro, sendo até mesmo desprezado, pois lutar contra o basilisco seria de capital importância para a pesquisa se o ser não tivesse desaparecido. Outro ponto de banalização é a postura do resto do povo de Lisboa, que, acometido de uma provável “maldição”, retoma a normalidade de suas vidas sem conhecer a verdadeira causa do súbito mal-estar.

Enfim, nota-se que a narrativa tem como característica distintiva a forma de ocorrência do evento insólito, ora revisitando traços de alguns gêneros, ora os resignificando, todavia, escrevendo-se no possível gênero do Insólito Banalizado. A irrupção insólita, o aparecimento da serpente, desencadeia toda a movimentação também insólita do conto, criando um ambiente permeado de aventura e mistério.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CARVALHO, Mário de. “O Basilisco”. In: *Contos Soltos*. Lisboa: Quatro Elementos, 1985, p. 25-32.

CHIAMPI, Irlemar. *O realismo maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COUTO, Mia. *Vozes Anoitecidas*. 6 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Horizonte Universitário, 1980.

GARCÍA, Flavio. A questão do insólito nas narrativas curtas de Méndez Ferrín: um problema de gênero literário. In: *VIII Congresso Internacional de Estudos Galegos*, 2006, Salvador.

Galicia do outro lado do Atlântico: voces reunidas na Bahia. Salvador: Associação Internacional de Estudos Galegos, 2006.

-----, “O ‘insólito’ na narrativa ficcional: a questão e os conceitos na teoria dos gêneros literários”. In: Flávio Garcia. (Org.). *A banalização do insólito: questões de gênero literário - mecanismos de construção narrativa*. Rio de Janeiro: Dialogarts, v. 1, 2007. [p. 11-22] (Disponível em www.dialogarts.uerj.br)

LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1990.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1974.

Recebido em 25 de outubro de 2011.

Aprovado em 08 de novembro de 2011.